

COMO CONHECI EUCLIDES

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural 'Euclides da Cunha')



EUCLIDES DA CUNHA,
o gênio da raça.

te. Raramente por outros meios.

O meu livro veio para minha estante pelo caminho mais raro das aquisições. Começou por ter sido achado na margem da linha da estrada de ferro, no trecho entre Valinhos e Teixeira Soares, por um maquinista meu amigo. Viajava ele para o sul, com um trem de cargas, quando a uma certa distância dividiu, quase junto ao trilho, um objeto parecido com uma caixa. Palpitante de curiosidade, foi diminuindo a marcha do trem e, finalmente, parou no lugar onde estava o objeto. Desceu da máquina e foi ver o que era. Surpresa sua. O que parecia uma caixa era, apenas, um livro! O que, sim, um livro bonito. Encadernação aprimorada, coberta com percalina cor cinza, onde impresso com tinta branca, em baixo relevo, se lia: Euclides da Cunha — Os Sertões — Campanha de Canudos, 4ª. edição corrigida — 1911.

Depois de apanhado o livro, com a simplicidade e monotonia de uma tarefa normal, prosseguiu, meu amigo, a sua viagem.

Este fato se deu lá pelo ano de 1914, mais ou menos. Eu me lembro que foi desde essa época o meu primeiro contacto com Os Sertões, de Euclides. Eu o via sempre em cima da mesa de trabalho daquele meu amigo, com o que adorna seu modesto escritório destinado para as reportagens de viagens.

Muito grato é, para mim, relatar que foi na residência simples daquele ferroviário que travei conhecimento com Os Sertões, isto bem claro, que não foi por sua leitura e compreensão, mas, pelo manuseio como satisfação da curiosidade pelo belo livro que todos quantos viam apreciavam.

O acontecimento que venho historiando coincidiu com a minha entrada para as oficinas gráficas de um jornal local. Era o início de uma carreira profissional cuja tarefa condicionava a leitura como base da obra final. Nesse mistér passava muitas horas do dia absorvido pelos trabalhos intelectuais que faziam parte da matéria do jornal. Vivia integrado no conceito de que o tipógrafo é um proletário do cérebro dos outros. E assim, pela força da missão cotidiana do ganha pão, eu comeci, também, a ganhar um pouco de conhecimento da obra literária dos escritores nacionais, através das críticas e comentários do jornal ou, então, das palestras que ouvia na redação. Ali se falava constantemente a respeito do autor do livro que foi encontrado ao lado do trilho da estrada de ferro por meu amigo.

Assim, despertado pelas apreciações dos que escreviam sobre Euclides e pela leitura de trechos destacados de seu livro para argumentar as dissertações de seus críticos na imprensa, resolvi conhecer o conteúdo da obra em toda sua plenitude.

É justo afirmar que a pretensão de ler Os Sertões plantou o marco zero da estrada intelectual que se abria para formar a minha história de leitor.

A fim de concretizar minha intenção da leitura, resolvi tomar emprestado o livro ao meu amigo. Logo que o fiz ciente do meu desejo, me encheu de surpresa dizendo: 'sabe de uma coisa, o José Chaves está doído por esse livro; até me informou que a edição está esgotada e que por isso estão pagando quinhentos mil réis pelo exemplar — mas isso não interessa; tome o livro, é um presente que te faço'. Francamente, foi a primeira das finzas que já recebi.

Nesse mesmo dia, iniciei a leitura. Comecei pelas explicações das notas preliminares. Estas duas páginas, que denunciavam a proposição científica da obra e que apoiava sua sinceridade num conceito, em francês, de Taine, já me deixaram entre deslumbrado e confuso. Depois passei para o primeiro capítulo. É o estudo sobre a característica e a influência da terra do nordeste como responsável pela conduta da vida em seu meio.

Na leitura do primeiro capítulo comecei o conhecimento, não da obra monumental de Euclides, mas o da minha santa ignorância. Eu pensava que ler Os Sertões era o mesmo que fazia de componder na mão nos artigos destinados para as colunas do jornal, isto é, em linguagem corrente, simples, desataviada de vocabulário técnico ou científico, e que dispensa o dicionário e a cultura.

O fato é que a minha leitura, naquela ocasião, não foi além de umas poucas páginas. Não era possível a uma aprendiz de tipógrafo, um rapaz de quinze anos, produto dos escassos recursos do ensino em Ponta Grossa há quarenta anos passados, compreender matéria de tão elevado didatismo.

Razões como esta e outras de ordem econômica fizeram com

O meu contacto com Euclides da Cunha constitui, em princípio, a história de como me tornei possuidor do meu livro Os Sertões, e também, os episódios que a pretensão de sua leitura assinalaram nos meus sonhos de conhecimentos.

O relato desta história é a minha contribuição às homenagens pelo cincoentenário da consagrada obra do grande escritor brasileiro, e uma confirmação de que, as leituras difíceis, muito concorrem para a elevação do nível cultural de um povo.

Começarei a história pelo que tange ao livro. Preliminarmente, e o consideremos como se processa a aquisição de um livro. De um modo geral, ele vai parar na estante do leitor pela via comum das casas do ramo, ou, então, pela gentileza de um presen-

te que a minha luta para ler 'Euclides' durasse mais de dez anos, depois dos quais consegui, enfim, transpor as primeiras sessenta páginas que tratam das condições, formações, transformações e efeitos geológicos, assunto de profunda cultura, o que considerei, segundo um conceito do próprio livro, uma vitória de 'jagunço destemeroso', dada minha deficiência acima explicada, e daí chegando até à última página que enfeixa a obra.

Mas, pensaria alguém, por que mais de uma década de avanços e recuos para a leitura de uma obra, quando seu autor em igual período atingiu sua completa formação intelectual e no espaço de seis, isto é, de 1896 a 1902, brindou o mundo literário de língua portuguesa com um monumento granítico de observação estética, de pensamentos e sentimentos humanos?

A resposta é de que, essa é a luta de todos os auto-didatas. É a história de todos que aprendem um pouco, porém, com muita dificuldade e que, embora os naturais precalços, é preciso enfrentar a leitura de obras do valor de Os Sertões, fontes de onde nascem e correm mananciais de idéias, e, ao mesmo tempo, um imperioso convite ao estudo da extensa bibliografia que substancia tais trabalhos.

A verdade é que se aprende um pouco. A verdade é que outros autodidatas aprenderam em profundidade e qualidade como Alexandre Herculano, glória das letras portuguesas, — enfim, depois de começar a ler, aprendendo, as páginas de Os Sertões são para deixar extasiado, em muda interrogação, de como é possível o engenho do pensamento humano encadear um vocabulário descritivo da natureza e paisagem do nordeste, com tanta fidelidade como se fôra uma projeção em tela cinematográfica, ou, então, interpretar, do mesmo modo, a alma hostil da vegetação, frente a qual parece ao homem, neste recorte do texto:

'que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama spinescente e não o atira!'

É um quadro primoroso no qual Euclides da Cunha apresenta mais um elemento à soma dos fatores do meio que devia moldar o espírito do brasileiro daquela região.

Como se vê, a obra surpreende, pela sua elevação o leitor desavisado, mesmo assim, sopra o seu orgulho, porque compreende nela o sentido de valorização da raça, pela exposição do caldeamento de onde emergiu o caboclo do Brasil e porque todos os seus atributos de inquebrantável tenacidade.

Uma tenacidade e valentia que sobressai em todo relato da luta do homem com o meio — e depois — por uma causa em que se apoiava na mais nobre das convicções — o bem de sua gente!

Tenacidade e valentia do caboclo nordestino personificada na figura do Beatinho, à frente de uma legião 'desarmada, faminta e claudicante', apresentando um quadro de tão chocante tristeza que até os soldados da legalidade, ainda com a arma fumegante da fusilaria, consideraram, no dizer de Euclides, como 'um assalto mais duro que o das trincheiras em fogo'. Tal era o cortêjo que o acompanhava, de velhos e velhas, mulheres cadavéricas e crianças esqueléticas, e que marchavam rumo ao bivaque do comandante militar.

Jamais alguém sonhou estratégia de caboclo até na rendição. Na realidade, aquilo que parecia rendição, era, apenas, o prelúdio de mais uma prova do valor do jagunço. E evidência esta suposição o fato de ter sido o Beatinho executado.

Depois do fato consumado ficou transparente que, na diplomacia daquele sertanejo, havia um objetivo mais elevado — preservar, daquele modo, para o futuro da pátria uma estirpe de autênticos heróis, já que no Arraial de Canudos só haveria de cessar a luta — quando tombasse por terra o seu último defensor...

Termina aqui este meu relato em homenagem ao cincoentenário de Os Sertões, no qual, historiando minha odisséia de leitor e tecendo alguns comentários em torno da matéria, desejo adicionar minha profunda admiração à plêiade de intelectuais que mantêm viva a figura de Euclides da Cunha no coração da nacionalidade que ele tanto amou e dignificou, com suas obras culturais.